

de Ir. M. Rita Colombo icms

Cada membro da Família do Imaculado Coração de Maria é chamado a amar a Igreja e a trabalhar pela missão que Cristo lhe confiou, vivendo e difundindo o carisma e encarnando-o nos vários âmbitos em que vive e atua.

O fundador sempre nos ensinou, com o exemplo e a exortação, o amor pela Igreja e pela sagrada hierarquia.

«Também hoje vivemos num mundo que gostaria de eliminar da face da terra Jesus e a Sua Igreja. Não esqueçamos que também nos primeiros tempos a Igreja tinha contra si o mundo inteiro, e Jesus deixou-lhe esta Mãe Celestial para a ajudar a suportar as suas primeiras lutas. Mas, como vemos, o mundo de hoje está novamente contra a Igreja. Devemos levar para a tenda do Imaculado Coração de Maria, Mãe Celestial, todas as almas deste mundo, para acabar com este ateísmo».

Conscientes desta tarefa e desta responsabilidade, aprofundar o que o Catecismo nos ensina sobre a Igreja ajuda-nos a conhecer e a defender o dom instituído por Cristo durante a sua vida terrena.

Depois de analisarmos o significado dos atributos «uma» e «santa», nesta catequese procuramos esclarecer o que se entende por «católica» e «apostólica».

A Igreja é católica

«A Igreja é, por instituição divina, «católica», ou seja, «universal» (grego kath'hólon = relativo ao todo). Ao que parece, o termo foi usado pela primeira vez por Santo Inácio de Antioquia, quando escreveu aos fiéis de Esmirna: “Onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica” (Ad Smyrneos, 8). Toda a tradição dos Padres e Doutores da Igreja repete essa definição de origem evangélica, até o Concílio Vaticano II, que ensina: «O caráter de universalidade, que adorna e distingue o povo de Deus, é dom do próprio Senhor, e com ele a Igreja católica tende eficazmente e sem cessar a centralizar toda a humanidade... em Cristo Cabeça, na unidade do Espírito Santo» (Lumen gentium, 13)» (S. João Paulo II, Audiência 10.07.1991)

Para compreender o significado do termo «católico», partimos de um texto de São Cirilo de Jerusalém:

*«A Igreja é chamada católica porque existe de um extremo ao outro da terra;
porque anuncia perfeitamente e sem defeito todas as doutrinas da fé sobre as coisas visíveis e invisíveis, sobre as coisas terrenas e celestiais que devem chegar ao conhecimento dos homens;
porque conduz ao verdadeiro culto toda a humanidade, príncipes e súbditos, eruditos e ignorantes;
porque cura e sana todo tipo de pecado cometido com o espírito ou com o corpo;
ela também tem em si todas as virtudes nas obras, nas palavras e nos dons espirituais.
Ela é, como se lê na carta a Timóteo, coluna e sustentação da verdade”.*

São Paulo, em [Ef 3,18-19], embora não cite o termo, parece definir a noção: *«Que Cristo habite na fé nos vossos corações e assim, enraizados e fundamentados na caridade, sejais capazes de compreender com todos os santos qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que ultrapassa todo o conhecimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus».*

A catolicidade da Igreja é o resultado de um dom do Deus trino presente em Cristo e no Espírito (ALTURA), profundamente inserido na natureza humana que, por este dom, foi curada até às suas raízes (PROFUNDIDADE). Desta forma, a Igreja goza de possibilidades espaciais, étnicas e linguísticas ilimitadas (LARGURA) e, fiel à sua tradição, transcende as barreiras do tempo (COMPRIMENTO).

E, em Lumen Gentium n. 13, recorda-se: *«Este povo, permanecendo único e indivisível, deve estender-se a todo o mundo e a todos os séculos, para que se cumpra a intenção da vontade de Deus».*

Deus trino concedeu à Igreja a plenitude do seu amor para que ela pudesse manifestá-lo e comunicá-lo, por seu intermédio, a toda a humanidade.

A catolicidade, além de ter origem trina, tem, portanto, também um carácter extensivo (cf. LG 13): em todas as nações da terra está enraizado um único povo de Deus, que tem carácter de universalidade, de totalidade.

A Igreja, explica Santo Agostinho, já era católica na manhã de Pentecostes, quando todos os seus membros estavam reunidos numa pequena sala: a catolicidade não é uma questão de geografia ou de números. Se é verdade que ela deve necessariamente expandir-se no espaço e manifestar-se aos olhos de todos, não é, contudo, de natureza material, mas espiritual. É algo intrínseco à Igreja.

A catolicidade, portanto, é, sim, extensiva, mas, mais interiormente e decididamente, é qualitativa.

Tem a capacidade de entrar nas diferentes culturas e de fazer seus os problemas e as esperanças de todos os povos, de anunciar o Evangelho a todas as nações e de participar das riquezas culturais dos homens, aos quais o Evangelho é proclamado. Nesse sentido, fala-se de «inculturação».

Assim como o Filho de Deus entrou na história particular de um povo, também a Igreja é sacramento universal de salvação na «carne» das diferentes culturas.

Este aspeto não diz respeito apenas à Igreja universal, mas a cada Igreja local, que realiza um ponto de contacto com as realidades culturais locais: o todo e as partes individuais beneficiam assim da comunicação recíproca, graças à comunhão das Igrejas particulares entre si e com a Igreja universal.

É bom sublinhar que cada Igreja particular é católica.

É óbvio que a Igreja universal e a Igreja particular são, respetivamente, o todo e a parte no plano sociológico exterior. Mas não o são interiormente, a um nível profundo e misterioso.

Em cada Igreja particular «está verdadeiramente presente e atua a Igreja de Cristo, uma, santa, católica e apostólica» (Christus Dominus, 11). As Igrejas particulares «são formadas à imagem da Igreja universal: nelas e a partir delas existe a única Igreja católica» (Lumen Gentium, 23). *Nem a Igreja particular é um «fragmento» da universal, nem a Igreja universal é uma «soma» de Igrejas particulares, mas «a Igreja universal existe e manifesta-se nas Igrejas particulares»* (ChL 25).

O mistério da Igreja manifesta-se e torna-se presente em várias figuras concretas: a paróquia, a assembleia litúrgica, a comunidade religiosa, a família cristã, «onde dois ou três estiverem reunidos» (Mt 18,20) em nome de Jesus. Mas propriamente só a diocese é chamada Igreja particular, porque só ela é presença e imagem adequada da Igreja universal, na medida em que possui todos os elementos constitutivos visíveis: a palavra da revelação divina, a Eucaristia, os outros sacramentos e o bispo, que é sinal e presença em sentido pleno de Cristo pastor, sucessor dos apóstolos e membro do colégio episcopal.

O termo católico é também usado para indicar a Igreja reunida na unidade em comunhão com o papa, bispo de Roma e sucessor de Pedro.

Quem pertence à Igreja Católica

Uma vez que a missão da Igreja se destina a toda a humanidade, cada homem, ainda que em diferentes graus, pertence, ou pelo menos pode pertencer, ao único Povo de Deus.

CCC 837 «*Estão plenamente incorporados na sociedade da Igreja aqueles que, tendo o Espírito de Cristo, aceitam integralmente a sua estrutura e todos os meios de salvação nela instituídos, e no seu organismo visível estão unidos a Cristo — que a dirige através do Sumo Pontífice e dos Bispos — pelos laços da profissão de fé, dos sacramentos, do governo eclesial e da comunhão. Não se salva, porém, mesmo que incorporado à Igreja, aquele que, não perseverando na caridade, permanece, sim, no seio da Igreja com o «corpo», mas não com o «coração»*» (Lumen Gentium, 14).

Os batizados que não vivem plenamente essa unidade permanecem em comunhão, ainda que imperfeita, com a Igreja Católica (cf. Compêndio, 168).

A Igreja Católica reconhece que tudo o que há de bom e verdadeiro nas outras religiões provém de Deus, é um raio da sua verdade, pode preparar para a acolhida do Evangelho e impulsionar para a unidade da humanidade na Igreja de Cristo. (cf. CCC 841-845)

Os Padres da Igreja afirmam: «*Fora da Igreja não há salvação*», entendendo que toda a salvação vem de Cristo-Cabeça por meio da Igreja, que é o seu corpo.

«*Por isso, não poderiam salvar-se aqueles homens que, não ignorando que a Igreja católica foi fundada por Deus por meio de Jesus Cristo como necessária, não quiseram, contudo, entrar nela ou perseverar nela*» (Lumen Gentium, 14).

Aqueles que, sem culpa, ignoram Cristo e a Igreja, mas procuram sinceramente a Deus e, sob a influência da graça, se esforçam por cumprir com as suas obras a vontade de Deus, conhecida através do ditame da consciência, podem alcançar a salvação eterna.

Tudo isto premissas, compreende-se a necessidade de levar o Evangelho àqueles que o ignoram. Esta é uma tarefa ineliminável e, ao mesmo tempo, um direito da Igreja: evangelizar todos os homens.

□ Precisamente em virtude da sua catolicidade (católica = universal), a Igreja é missionária.

O mandato missionário tem origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai, e tem como objetivo fazer com que todos os homens participem da comunhão existente entre as Pessoas da Trindade. É o amor de Deus por todos os homens que sempre dá força e impulso à missão da Igreja, que comunica aos homens a verdade, respondendo ao desejo inscrito nos seus corações.

Seguindo o mesmo caminho de Cristo, que redimiu o homem através da cruz, a Igreja passa por sofrimentos e perseguições para comunicar aos homens os frutos da salvação.

O CCC, no n.º 854, resume os passos da missão, lembrando que ela exige paciência. «*Começa com o anúncio do Evangelho aos povos e grupos que ainda não acreditam em Cristo; continua com a constituição de comunidades cristãs que sejam sinais da presença de Deus no mundo e com a fundação de Igrejas locais; inicia um processo de inculturação para encarnar o Evangelho nas culturas dos povos; não deixará de conhecer também os fracassos. «No que diz respeito aos homens, aos grupos e aos povos, só gradualmente a Igreja os alcança e penetra, assumindo-os assim na plenitude católica»*».

A missão da Igreja exige um esforço em direção à unidade dos cristãos e implica um diálogo respeitoso com aqueles que ainda não aceitam o Evangelho (cf. CCC 856).

É tarefa de todos os cristãos «*reunir os povos na unidade do seu amor. Esta é a nossa esperança e este é também o nosso mandato: contribuir para esta universalidade, para esta verdadeira unidade na riqueza das culturas, em comunhão com o nosso verdadeiro Senhor Jesus Cristo*» (Papa Bento XVI, Audiência, 22 de março de 2006).

Quantas vezes o fundador nos exortou a levar Cristo ao mundo, a ter no coração a salvação dos homens. É participação na missão da Igreja de evangelizar o mundo.

«*Quando um coração se aproxima do Coração de Jesus, Jesus abraça-o e torna-o instrumento para fazer sentir ao coração de muitos o quanto o seu Coração nos ama e em todos se acenda o amor que nos leva à salvação. É tão bonito também quando se vê um simples fiel tomado por este grande amor e trabalha para o dar a conhecer aos seus irmãos*» .

Não devemos salvar apenas a nós mesmos. Portanto, não podemos viver a nossa fé apenas na intimidade do nosso coração e num âmbito restrito, isso é muito pouco. Se vai para o Paraíso em grupo, por isso devemos procurar por todos os meios a salvação de todos. E o primeiro meio é santificar-me para santificar. Portanto, ter Cristo em mim para levá-lo ao coração daquele que não O tem. Por isso, precisamos de oração e penitência acompanhadas de um bom espírito de reparação.

A Igreja é apostólica

CCC 857. A Igreja é apostólica, porque está fundada sobre os Apóstolos, e isso em um triplo sentido:

- ela foi e permanece construída sobre o fundamento dos apóstolos (Ef 2,20), testemunhas escolhidas e enviadas em missão pelo próprio Cristo;
- ela guarda e transmite, com a ajuda do Espírito que habita nela, o ensinamento, o bom depósito, as palavras sãs ouvidas pelos apóstolos;
- até ao regresso de Cristo, continua a ser instruída, santificada e guiada pelos apóstolos, graças aos seus sucessores na missão pastoral: o colégio dos bispos, coadjuvado pelos sacerdotes e unido ao sucessor de Pedro e supremo pastor da Igreja.

Surge três fatores que compõem a apostolicidade: a fundação apostólica; a integridade, através dos tempos, do anúncio do Evangelho recebido pelos apóstolos (tradição) e a permanência do ofício apostólico por meio de uma sucessão.

O apóstolo é um enviado. O próprio Jesus é o enviado do Pai e, por sua vez, escolhe os seus enviados e associa-os à sua missão, a ponto de dizer: «*Quem vos recebe, recebe-Me*».

A eles, Jesus confia a tarefa de testemunhar a ressurreição e os fundamentos da Igreja: essa tarefa é intransmissível.

□ **CIC 860** «*Na missão dos Apóstolos há um aspeto que não pode ser transmitido: ser os testemunhos escolhidos da ressurreição do Senhor e os fundamentos da Igreja*».

Além disso, na Igreja de Jerusalém desempenham um papel de direção e, também fora dela, são os garantes da unidade.

A missão confiada por Cristo aos apóstolos («*Ide, portanto, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos tenho mandado*») é uma tarefa não limitada no tempo nem circunscrita a um espaço geográfico.

Quando a primeira geração de testemunhas está prestes a desaparecer e surge a preocupação com o cuidado de um rebanho já existente, torna-se necessária uma transferência da missão apostólica.

O primeiro a providenciar a transferência da sua herança para algumas figuras ministeriais que recebem a tarefa de guiar as comunidades por ele fundadas foi São Paulo.

CCC 861 «*Para que a missão que lhes foi confiada continuasse após a sua morte, [os Apóstolos] deixaram quase como testamento aos seus colaboradores mais próximos a tarefa de completar e consolidar a obra por eles iniciada, recomendando-lhes que cuidassem de todo o rebanho, no qual o Espírito Santo os tinha colocado para apascentar a Igreja de Deus. Estabeleceram, portanto, esses homens e, posteriormente, deram disposições para que, quando eles morressem, outros homens provados assumissem a sucessão do seu ministério*». (Lumen Gentium, 20)

Os bispos, embora não tenham sido testemunhas oculares da vida de Cristo, herdaram dos apóstolos a tarefa pastoral. «*Assim, a sucessão na função episcopal apresenta-se como continuidade do ministério apostólico, garantia da perseverança na Tradição apostólica, palavra e vida, que nos foi confiada pelo Senhor. (...) É então Cristo que nos alcança: na palavra dos Apóstolos e dos seus sucessores é Ele que nos fala; através das suas mãos é Ele que age nos sacramentos; no seu olhar é o seu olhar que nos envolve e nos faz sentir amados, acolhidos no coração de Deus*» (Bento XVI, Audiência, 10 de maio de 2006).

A apostolicidade é, entre as propriedades da Igreja, aquela sobre a qual se percebem mais divergências no âmbito ecumênico.

O apostolado

Chama-se apostolado toda a atividade do corpo místico ordenada à difusão do reino de Cristo por toda a terra.

Seguir Jesus e a sua conseqüente missão de evangelizar tem um significado que não é uma realidade exclusiva dos Doze, mas que durará até ao fim dos tempos (cf. Lumen Gentium, 20). Todos os membros da Igreja participam, segundo as diferentes funções, da missão recebida dos Apóstolos de levar o Evangelho ao mundo inteiro. **A vocação cristã, por sua própria natureza, é vocação ao apostolado** (cf. CCC 863).

CCC 864 *«Como a fonte e a origem de todo o apostolado da Igreja é Cristo, enviado pelo Pai, é evidente que a fecundidade do apostolado», tanto dos ministros ordenados como dos «leigos, depende da sua união vital com Cristo». De acordo com as vocações, as exigências dos tempos, os vários dons do Espírito Santo, o apostolado assume as formas mais diversas. Mas a caridade, obtida sobretudo na Eucaristia, permanece sempre «como a alma de todo o apostolado».*